

As "invenções" de David Machado:

uma leitura das suas narrativas vocacionadas para a infância

Sara Rets da Silva

Universidade do Minho

sara_silva@ie.uminho.pt

«[...] para onde vão os homens quando sonham?»

«Os homens ainda não sei. Mas as crianças, quando sonham, vão dar a volta ao mundo numa cama puxada por balões de todas as cores.»

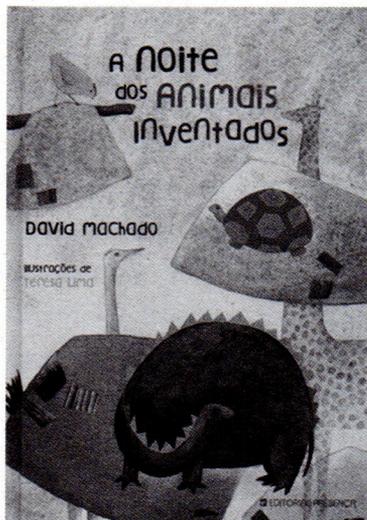
[Machado, 2007]

A atribuição do prémio Branquinho da Fonseca/Expresso e a consequente publicação de originais de novos autores têm possibilitado aos leitores mais jovens (e não só) o contacto com escritas e com sensibilidades literárias manifestamente inovadoras e/ou promissoras. Além do caso do autor que motiva este ensaio, David Machado (Lisboa, 1978), lembremos apenas os nomes, indiscutivelmente relevantes no actual panorama literário português, de Gonçalo M. Tavares e de Rita Taborda Duarte.

Com efeito, David Machado, juntamente com os dois escritores mencionados e, ainda, com Carla Maia de Almeida, Isabel Minhós Martins, João Manuel Ribeiro ou João Paulo Cotrim, por exemplo, distingue-se pela originalidade dos seus enredos e do seu discurso, aliás já reconhecida pela atribuição do Prémio Branquinho da Fonseca (Fundação Calouste Gulbenkian/Semanário Expresso), em 2005, a *A Noite*

dos Animais Inventados, e do Prémio “Autor de Melhor Livro de Literatura Infanto-Juvenil” (Autores SPA/RTP), em 2010, a *O Tubarão na Banheira*.

Uma leitura atenta dos quatro volumes assinados pelo autor e publicados com a chancela da Editorial Presença na colecção “A Arca do Tesouro” – a saber *A Noite dos Animais Inventados* (2006), *Os Quatro Comandantes da Cama Voadora* (2007), *Um Homem Verde num Buraco muito Fundo* (2008) e *O Tubarão na Banheira* (2009) –, títulos aos quais se veio juntar muito recentemente um outro – *A Mala Assombrada* (2011) – permite perceber alguns dos aspectos que distinguem a matriz imaginativa dos textos de David Machado. Destes procuraremos dar conta, de seguida, ao longo deste percurso de leitura no qual enfatizaremos as singularidades de cada uma das cinco obras de potencial recepção infantil da autoria de David Machado.



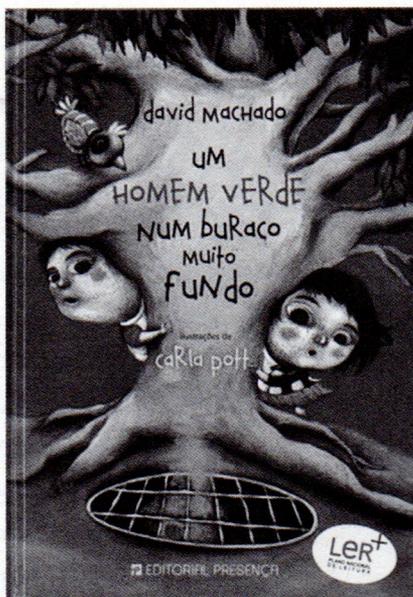
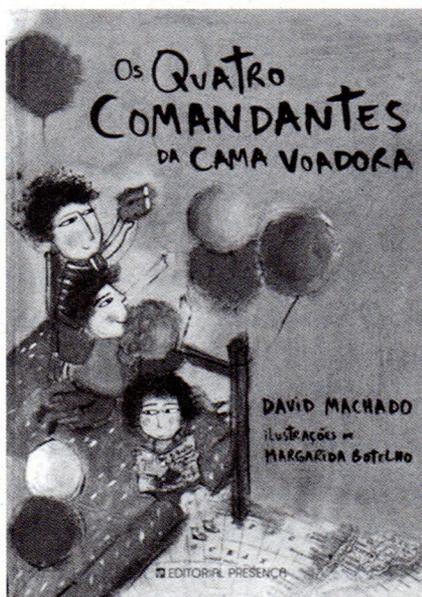
Em *A Noite dos Animais Inventados*, o tempo nocturno, a escuridão de um quarto infantil e um silêncio extraordinariamente inspiradores servem de cenário ao sono (ou à falta dele), ao sonho ou à imaginação de Jeremias, Jacinto, Jaime e Jonas, os quatro irmãos que protagonizam esta narrativa. Uma tentativa bem sucedida de evasão no tempo e no espaço resulta, assim, numa “viagem” (motivada, na verdade, pela memória e pela imaginação) na qual se celebra um conjunto de descobertas e de encontros com vários “animais inventados”. Jonas inventa uma galinha, Jeremias um leopardo e os gémeos Jacinto e Jaime um camelo e uma avestruz, além de inúmeros pirilampos, um elefante, uma tartaruga, uma matilha de lobos, entre muitos outros, uma verdadeira “animalia”, referida/descrita a partir de um registo expressivo, muito plástico, sustentado por processos estilísticos como a repetição, em particular do vocábulo “inventado/a”, aliás, introduzido pelo próprio título da obra, a adjetivação, a metáfora ou as sugestões sensoriais, nomeadamente de tipo auditivo e visual. Releia-se, a título meramente exemplificativo, o seguinte excerto:

«Jonas estava cada vez mais divertido com a situação. Já quase não se lembrava de que, poucos minutos antes, tinha estado imóvel debaixo dos lençóis, com um novelo de terror atado ao peito. Um

encanto absoluto ocupava o espaço onde antes existia o medo. Viu os pirilampos inventados flutuarem à volta do corpo esplêndido do leopardo inventado. As manchas do felino brilhavam na escuridão e Jonas, maravilhado com tudo aquilo, sentiu-se capaz de usar novamente a sua imaginação. Tornou a mergulhar nos lençóis. Quando saiu de lá debaixo, havia uma tartaruga inventada na sua cama, robusta e enorme, mastigando em seco.» (Machado, 2006: 18).

Um dos aspectos mais apelativos desta narrativa reside, em nosso entender, na descrição do “quase-caos” provocado pelo excesso de «bicharada inventada» (*idem, ibidem*: 26) que passou a dominar o quarto dos quatro irmãos, no momento em que estes perderam o controlo da sua própria imaginação. Esta recriação de um universo simultaneamente desorganizado e incontrolável, cujo ponto culminante coincide com a invenção de um «colossal dinossauro» imaginado com força excessiva, pauta-se por um humor especial que atrai também por reflectir algumas das atitudes próprias do universo infantil. De notar, igualmente, a valiosa “proposta” que este desfecho esconde/revela, uma solução que passa pela união dos quatro irmãos na busca de uma saída para as dificuldades provocadas pela sua imaginação sem limites: «– Se inventarmos todos juntos, somos capazes de inventar uma floresta inventada – disseram eles. – Sozinhos, talvez não. Mas juntos sim.» (*idem, ibidem*: 27).

Neste volume, as ilustrações de Teresa Lima, compostas a partir de uma técnica mista assente no recorte e na colagem, bem como na conjugação de materiais variados, ora ocupam páginas inteiras, recriando, por exemplo, espaços físicos aludidos na narrativa, ora apresentam pequenos detalhes que entremeiam o texto verbal, designadamente os animais protagonistas. Cristalizando alguns dos elementos principais da história, os segmentos visuais de Teresa Lima reforçam também a dimensão onírica da obra e sublinham a harmoniosa tensão entre o factual e o maravilhoso que distingue o relato.



Similarmente, no segundo volume destinado por David Machado aos leitores mais novos, *Os Quatro Comandantes da Cama Voadora*, a dicotomia fantasia/maravilhoso vs. real serve, uma vez mais, de moldura a uma acção desencadeada também pelo impulso explorador e sedento de aventuras de quatro crianças, Ernesto, Natália, Rufino e Heitor, aqui apresentadas metaforicamente como “Comandantes”. Uma viagem, insuflada pela capacidade infantil de imaginar e pensada para ser feita com a ajuda de muitos balões e com o lançamento de uma cama voadora, representa o motivo central da acção, narrada e estruturada a partir de uma série de peripécias, coincidentes com várias pequenas incursões aéreas. A presença de uma personagem adulta, o Professor Maior, um amante de livros e um viajante que procura dedicar-se ao estudo dos sonhos, que se alia a este grupo irrequieto e aventureiro e lhes proporciona as leituras necessárias para concretizarem a sua vontade, sublinha a ideia da importância do sonho enquanto força-motriz para a descoberta do mundo. O recurso a um registo marcadamente sensorial e/ou plástico – como se observa em passagens como «Com cautela e destreza, contornaram os relâmpagos que partiam os céus negros em

cacos. Souberam fugir à ventania endiabrada que os puxava para o remoinho fatal, da mesma forma que souberam aproveitar os ventos bons para continuar a avançar na direcção das Américas.» (Machado, 2007) – é determinante do ponto de vista da adesão do leitor a esta aventura.

O arranjo gráfico do volume e, muito especialmente, a sua componente pictórica enfatizam algumas das isotopias da narrativa, em particular a viagem e a relevância dos livros. Com efeito, as ilustrações de Margarida Botelho, na maioria dos casos, emolduram a mancha textual, introduzindo pequenos elementos como “meios de transporte” aéreos ou livros, por exemplo. Em certos momentos, estas estendem-se a duas páginas e ora reiteram o sentido cómico da narrativa, como sucede no segmento dominado pela descoberta do livro “Sopros Ventos & Ventanias”, ora apresentam a recriação do cenário de viagem ou aventura. Uma nota breve para assinalar dois aspectos: em primeiro lugar, a presença de palavras ou texto verbal, normalmente registado em estilo manuscrito ou caligráfico, nas próprias imagens e, em segundo lugar, a disposição dos caracteres de certos segmentos linguísticos a partir de um esquema experimental, visual ou concreto.

Em *Um Homem Verde num Buraco muito Fundo*, à fantasia e à imaginação alia-se um tom misterioso. O resultado é um conto no qual duas crianças, Simão e Celeste, interagem com homens verdes e vermelhos habitantes que se soltam dos semáforos e que até sabem jogar aos polícias e ladrões. O desejo de liberdade, de ar livre, de brincadeiras encenadas relativamente longe de casa e perto da natureza, mais especificamente, num «parque de carvalhos enormes e relva luminosa (...)» que «ficava do outro lado de uma larga estrada de quatro faixas (...)» (Machado, 2008: 4) desencadeiam a acção dos co-protagonistas infantis, bem como um relato que se distingue pela presença do fantástico e/ou, por exemplo, da metamorfose do espaço, por exemplo, porque, também nesta narrativa, os heróis perdem o fôlego em perseguições «através dos bosques sombrios que rodeavam o castelo das suas imaginações» (*idem, ibidem*: 14).

As ilustrações de Carla Pott, cromaticamente fortes e distintas também pela sua especial volumetria e/ou pelo arredondado das formas, por exemplo, apresentam-se dispostas diversamente ao longo do volume. Cristalizando gestos e expressões faciais dos protagonistas, bem como movimentos e alterações de cenários, sempre pontuados de pormenores naturalistas, a vertente icónica é, desde logo, anunciada nas guardas da publicação, espaço do livro com aparência de esboço ou rascunho e no qual a ilustradora parece ensaiar o seu trabalho.

O Tubarão na Banheira, livro premiado pela SPA em 2009, como mencionámos, recoloca, também, em primeiro plano um protagonista infantil, responsável pelo relato de uma aventura, anunciada pelo título da obra e na qual participa também um avô desastrado que, um dia, se sentou numa poltrona «como se

fosse um rei a cair sobre o trono» (Machado, 2009: 6) e partiu os seus óculos. Com um enredo simples, mas divertido, esta narrativa dá conta, tal como as restantes obras de David Machado já relidas, de alguns gestos singulares da infância. O carácter imaginativo, a persistência e uma natural irreverência do protagonista são traços muito importantes do ponto de vista da configuração humorística da obra, assim como, aliás, a sua especial vocação para pescador – o herói pesca um peixe a quem dá o nome de Osvaldo e um tubarão que tem de permanecer, durante algum tempo, na banheira. O inesperado desfecho, positivamente cómico, dota a narrativa de uma “abertura”, funcionando como um estímulo à imaginação.

Além disso, a importância da palavra e do seu conhecimento parece representar também um dos tópicos mais relevantes neste conto, conforme, aliás, espelha a própria opção gráfica de colocação em maiúsculas dos vocábulos que preenchem um «Caderno de Palavras Difíceis» (*idem, ibidem*: 7), bem como a integração no final do volume de parte desse mesmo registo metalinguístico, composto na primeira pessoa e num tom manifestamente pessoal.

Ainda do ponto de vista ilustrativo, o livro em análise evidencia uma construção cuidada e muito atenta às potencialidades estéticas e semânticas que uma articulação estreita entre as ilustrações e o discurso linguístico (até mesmo, por exemplo, com a mancha gráfica por este composta) poderá encerrar. Com efeito, neste volume, a composição pictórica afigura-se muito expressiva. Expandindo-se até às próprias guardas da publicação (aliás, com uma diferente apresentação visual¹), à página dos créditos e à folha de rosto, as ilustrações de Paulo Galindro recorrem a uma técnica mista baseada no recorte e na colagem,

¹ Uma nota para assinalar a ligação semântica simultaneamente mimética e meta-artística que se celebra entre a (quase) totalidade da publicação (em particular, as ilustrações colocadas a par do texto assinado por David Machado) e as guardas iniciais, a página dos créditos, a folha de rosto e, ainda, as guardas iniciais. Com efeito, uma leitura dos últimos “espaços” referidos permite perceber a construção intencional de um percurso ou de uma sequência, reveladora do acto criativo da composição visual do volume, um “caminho” que culmina nas guardas finais, ilustradas por um conjunto de desenhos de traço infantil, acompanhados por vários segmentos de aparência manuscrita que funcionam como legendas.

na fotografia ou no desenho, por exemplo, e retém pormenores essenciais para uma leitura feliz da obra, porque, na verdade, estas são também fundamentais do ponto de vista da conformação da vertente humorística que pontua a história.

Publicado muito recentemente (Abril de 2011), o último livro de David Machado que possui a criança como destinatário preferencial intitula-se *A Mala Assombrada* e veio a lume, uma vez mais, com a chancela da Editorial Presença.

História de “mistério a brincar”, contada a partir de um discurso simples e acessível, caracterizado também pelo dinamismo e pela vivacidade, este conto joga com o medo e com a atitude destemida de dois irmãos muito diferentes, um com nove anos e outro com cinco. Além disso, desenvolve-se em torno de um nó problemático único, sustentado pela descoberta de uma mala e desencadeado também pela reacção inesperada de um dos protagonistas a este achado.

João M. P. Lemos² assina as ilustrações do volume em apreço e, nestas, a singularidade do traço e, genericamente, a sua composição evidenciam também uma interessante vontade de narrar. Sugestões de movimento e jogos de luz e sombra, agudizando o tonalidade misteriosa que distingue a história, bem como o recurso pontual a certos procedimentos representativos próprios da B.D. – como balões de fala, por exemplo – afiguram-se importantes estratégias de construção pictórica.

Distinguindo-se pela extraordinária capacidade de recriação de algumas das singularidades da idade infantil, como a impressionante capacidade imaginativa, o medo ou o desejo de viajar (em vários sentidos), as narrativas de David Machado possuem também como principais ingredientes a fantasia, a imaginação,

o sonho e a aventura, respondendo, assim, a alguns dos gostos dos leitores mais pequenos. Com efeito, na escrita de David Machado, a uma eficaz articulação entre o real e onírico junta-se, ainda, uma especial recriação de gestos e de modos de pensar que apenas a infância autoriza. A conjugação dos textos de David Machado com a arte visual de ilustradores-autores detentores de linguagens reconhecidas e muito pessoais, designadamente de Teresa Lima, Margarida Botelho, Carla Pott, Paulo Galindro e João M. P. Lemos, contribui, de modo determinante, para o lugar que as obras analisadas ocupam no actual panorama literário português. Em poucas palavras, diríamos, a título conclusivo, que os livros de David Machado, pelas variadas formas de ler o mundo que representam, em particular, o mundo da infância, participam desse incessante percurso de busca da resposta para «a pergunta mais difícil da humanidade: para onde vão os homens quando sonham?» (Machado, 2007). *

Referências bibliográficas:

- MACHADO, David (2006). *A Noite dos Animais Inventados*. Coleção “A Arca do Tesouro/11”, Lisboa: Editorial Presença (ilustrações de Teresa Lima).
- MACHADO, David (2007). *Os Quatro Comandantes da Cama Voadora*. Coleção “A Arca do Tesouro/16”, Lisboa: Editorial Presença (ilustrações de Margarida Botelho).
- MACHADO, David (2008). *Um Homem Verde num Buraco Muito Fundo*. Coleção “A Arca do Tesouro/19”, Lisboa: Editorial Presença (ilustrações de Carla Pott).
- MACHADO, David (2009). *O Tubarão na Banheira*. Coleção “A Arca do Tesouro/24”, Lisboa: Editorial Presença (ilustrações de Paulo Galindro).
- MACHADO, David (2011). *A Mala Assombrada*. Lisboa: Editorial Presença (ilustrações de João M. P. Lemos).

² Na contracapa de *A Mala Assombrada*, encontra-se o seguinte paratexto: «João M. P. Lemos é ilustrador e autor de banda desenhada. Colabora, como desenhador e argumentista, com a Marvel Comics, ilustrou três livros de Frederico Mira George, o álbum *Sátiro* dos Gaiteiros de Lisboa, artigos para as revistas *Pública* e *Babylon Magazine* e dá rosto à crónica mensal de Gonçalo Cadilhe, na revista *Visão: Vida & Viagens*.»